



Retrato de Antero de Quental, 1889, de Columbano Bordalo Pinheiro



No Cemitério, 1890, de José Veloso Salgado



Marinha, 1855-60, de João Cristino da Silva

A sedução da modernidade

A ligação da arte oitocentista com a literatura e uma dupla de designers contemporâneos contra a ortodoxia da produção em massa são os temas das duas exposições que são inauguradas no dia 27 no Museu de Arte Contemporânea do Chiado

TEXTO ÁGATA XAVIER

Bebiam conhaque e cerveja enquanto discutiam o estado da arte em Portugal, ansiosos pela modernidade trazida de Paris e Barbizon por Silva Porto, o aluno brilhante que regressou de França para dar aulas nas Belas-Artes. O conjunto de jovens reunia-se na cervejaria Leão d'Ouro, em Lisboa, e foi com o nome da casa que lhes servia Imperiais que ficaram imortalizados na tela de Columbano Bordalo Pinheiro e no nome cunhado por Mariano Pina: o Grupo do Leão. *A Sedução da Modernidade*, que será inaugurada a 27 de Abril, quinta-feira, na Sala dos Fornos do Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, em Lisboa, revela as propostas artísticas do primeiro grupo a romper com as convenções académicas vigentes.

"As novas gerações são fascinadas pela modernidade, pelo desejo de aprofundar o inédito. Todos estes momentos breves, na defesa dos sucessivos rumos de modernidade, fazem da oportunidade de um instante o seu derradeiro fascínio, e constituem uma verdadeira sedução da modernidade", explica ao **GPS** a curadora Maria de Aires Silveira.

A mostra revela um total de 44 obras distribuídas por quatro núcleos que remetem para citações literárias da época: "O inconsciente imortal" e a geração romântica" (a partir de um poema de

A SEDUÇÃO DA MODERNIDADE MNAC

R. Serpa Pinto, 4, Lisboa
• De 27/4 a 15/4/2018
• 10h 18h • Fecha 2ª
• €450



O DESIGN DE "ANTIPRODUTO" DE LUÍSA CODER E JOSÉ RUSSELL

2017 assinala os 30 anos do grupo Infracções, um duo formado por Luísa Coder e José Russell que se dedicou a reinventar o *design*, opondo-se aos "mecanismos racionais e monótonos" da produção em série. *Love VS. Power?* é a exposição que o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, em Lisboa, lhes dedica a partir desta quinta, 27.

O duo "adoptou uma postura única, mesmo ao nível internacional, numa prática de Design de Produto (ou Antiproduto?) de conteúdo amadurecido e consis-

tentemente político, reivindicativo e utópico", explica o curador Rui Afonso Santos na apresentação da exposição. Adianta também que a dupla de artistas é herdeira da proposta conceptual do Movimento Fluxus, "fundindo arte, mesmo performativa, alta e baixa cultura - e *design* -, recusando o nacionalismo, exaltando a mitificação do quotidiano, o cómico-grotesco e o binómio funda-

mentalmente democrático arte-vida".

Infracções, o nome escolhido para o projecto, parte não só de uma ironia mas de uma certeza: a recusa de toda a ortodoxia. Enquanto Luísa foi professora no IADE até se dedicar em exclusivo ao *design*, José passou, por exemplo, pelo desenho de casas pré-fabricadas em Marrocos e na Argélia. Ambos questionam o poder das marcas e do consumismo, da produção em massa e repetitiva. Ao todo, a mostra *Love VS. Power?* revela 12 peças e um conjunto de vídeos.

LOVE VS. POWER? MNAC

R. Serpa Pinto, 4, Lisboa
• De 27/4 a 20/8 • 10h-18h
• Fecha 2ª • €4,50

Barbarella,
1995



Corvo,
1999



CONSIDERAVAM-SE MODERNOS PARA A SUA ÉPOCA, PELA EXPRESSÃO ATMOSFÉRICA DA LUZ E PELO CROMATISMO INTENSO

Antero de Quental), "O ar fino e puro da arte moderna" (uma descrição de Eça de Queiroz do livro *A Cidade e as Serras*), "Columbano e o inventário de almas" (Emídio da Silva referia-se ao amigo Columbano como o pintor de almas), e "A flor dos flôreos fenos nos simbolismos" (que relembra um poema de Eugénio de Castro).

Este conjunto de artistas apostava no desafio de pintar "no natural", tal como sugerira Almeida Garrett em *Viagens Na Minha Terra*, revela Maria de Aires Silveira. "Aproveitavam as condições da natureza, tempestades e mar revolto, para expressar sentimentos e, pela primeira vez, apresentaram a pintura de nu naturalmente, descontextualizada de ambientes mitológicos. Estas novidades estabeleciam tensões com reconhecidos artistas portugueses e chegaram a abandonar as aulas da Academia de Belas-Artes por discordância com o ensino." E adianta: "O grupo reunia em torno da figura de Silva Porto e apresentava regularmente as suas obras nas exposições de Arte Moderna e de Quadros Modernos, de 1881 a 1889. Aliás, ainda em 1883, Ramalho Ortigão entendia que estas novas exposições correspondiam 'a uma fórmula naturalista da arte moderna', ao estabelecer uma relação entre a pintura de 'ar livre' e esta sedução pela modernidade, no momento efémero da revelação da novidade. Um outro importante cruzamento literário e artístico desenvolveu-se a partir dos retratos de Columbano, numa série padronizada, representativa de destacados intelectuais, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Silva Pinto, Fialho de Almeida, António Feijó e muitos outros. O artista focava-os através de um moderno processo de iluminação, acrescido da comoção do autor, e pintava-os numa tensão moderna", revela.

Mas de quantas modernidades vive afinal a arte, numa altura em que se expõe, também em Lisboa, *José de Almada Negreiros, uma Maneira de*

Ser Moderno? Baudelaire deu a resposta ao explicar que a modernidade é de todas as épocas e não de uma só, "desde que se instale um paradoxo, um conflito com a geração anterior", sintetiza a curadora da exposição.

Embora o Grupo do Leão incluía mulheres, nomeadamente Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Josefa Greno e Berta Orti-

gão, são poucas as que figuram no acervo do MNAC. No entanto, *No Atelier*, obra de Aurélia de Sousa "com referências das pinturas de Columbano" estará em exposição. "É uma proposta de modernidade pela tensão existente e crítica intimista", explica Maria de Aires Silveira. ●